

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
TEATRO DE ANIMAÇÃO, ECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

Florianópolis, v. 2, n. 25, p. 157 - 172, dez. 2021

E - ISSN: 2595.0347

Teatro de animação, cultura popular e cosmovisão ecológica

Andréia de Oliveira Souza

Universidade de Évora (Portugal)



Figura 1 – Boneco confeccionado a partir do bagaço da palha de cana-de-açúcar e de raiz seca da planta espada-de-são-jorge. Representa a figura de meu bisavô paterno na peça *Memórias de um lugar - Solidão*. Fotógrafo: Zero

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702252021157>

Teatro de animação, cultura popular e cosmovisão ecológica¹

Andréia de Oliveira Souza²

Resumo: O presente artigo relata alguns processos artísticos, que a autora desenvolveu com a *Cia. Teatro da Recusa*, de 2017 a 2021, onde a temática sustentabilidade foi pensada sob a perspectiva da cosmovisão ecológica, com enfoque na valorização da cultura popular brasileira. Esses processos, que partiram da observação e pesquisa etnográfica, resultaram na montagem de cinco trabalhos, em várias técnicas do teatro de animação: manipulação de luva, vara, direta, balcão, bonecos gigantes, e híbridos.

Palavras-chave: Teatro de animação; Cultura popular; Sustentabilidade; Cosmovisão ecológica.

Puppet theatre, popular culture and ecological worldview

Abstract: The present article reports part of some artistic processes, that the author developed with *Cia. Teatro da Recusa*, from 2017 to 2021, in which the sustainability theme was thought from the perspective of ecological worldview, with a focus on appreciation of Brazilian popular culture. These processes, which were based on observation and ethnographic research, resulted in the assembly of five works, in various techniques of puppet theatre; glove manipulation, stick, direct, balcony, giants puppets and hybrids.

Keywords: Puppet theatre; Popular culture; Sustainability; Ecological worldview.

¹ Data de submissão do artigo: 31/08/2021. | Data de aprovação do artigo: 05/11/2021.

² Mestranda em Teatro na Universidade de Évora (Portugal). Bacharel em Comunicação Social (UAM/SP). Licenciada em Música (UNOESTE/PP). Atriz - fundadora da Cia. Teatro da Recusa, desenvolve, desde 2016, pesquisa em experimentação cênica, na linguagem teatro de animação e cultura popular brasileira, propondo novas possibilidades para a construção da relação com o seu público. E-mail: andreiaprevitali@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6613-5547>

Quem somos, de onde viemos, para onde vamos

O presente artigo traz um breve relato para apresentar a temática sustentabilidade, sob a perspectiva da cosmovisão ecológica³, em transversalidade com a cultura popular brasileira e seu desdobramento, ético e estético, presente nos espetáculos de teatro de animação da *Cia. Teatro da Recusa*, companhia paulista de teatro de bonecos que fundei em 2016.

No início da era sustentável, o conceito de ecologia, assim como formulado, em 1866, por Ernst Haeckel⁴, era considerado basicamente como uma extensão da biologia. As problemáticas como: disputa internacional de recursos naturais, comportamento humano e consumo, e o aumento do índice da pobreza e desigualdades, não eram considerados como componentes ecológicos até aquele momento.

Foi somente com o passar da idade moderna para a idade contemporânea, já com a crise climática e as rupturas e desequilíbrios sociais em avanço, que surgiram teorias que abordassem uma ideia de sustentabilidade integral. Como foi apontado por Leonardo Boff na teoria da cosmovisão ecológica.

Em todas as culturas, a cada grande virada no eixo da História se produz uma nova cosmologia. O novo paradigma ecológico produz tal efeito. Por cosmologia entendemos a imagem do mundo que uma sociedade se faz, fruto da *ars combinatoria* dos mais variados saberes, tradições e intuições. Esta imagem serve de religação geral e confere a harmonia necessária à sociedade, sem a qual as ações se atomizam e perdem o seu sentido dentro de um Sentido maior. Cabe à cosmologia religar todas as coisas e criar a cartografia do universo. (BOFF, 1995, p. 57)

Proposto também por Félix Guattari, em seu livro *As três ecologias: a ambiental, social e mental*. Sendo (i) a ambiental, a que se ocupa com o meio ambiente e as relações que as sociedades entretêm com ele, (ii) a social, que se ocupa principalmente com as relações sociais como pertencentes às

³ Leonardo Boff em seu livro, *Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, articulou os dois gritos e criou uma visão global de uma ecologia libertadora que abrange o meio ambiente, a mente humana, a sociedade e a integralidade da criação. Por articular ecologia, justiça social e espiritualidade, Boff foi agraciado em 2001 em Estocolmo, na Suécia, com o prêmio Nobel Alternativo da Paz.

⁴ Ernest Haeckel, zoólogo alemão que desenvolveu em 1866 um trabalho denominado *Generelle Morphologie der Organismen*.

relações ecológicas, pois o ser humano pessoal e social é parte do todo natural, (iii) e a mental, que parte da constatação de que a natureza não é exterior ao ser humano, mas interior, na mente, sob a forma de energias psíquicas, símbolos, arquétipos e padrões de comportamentos, que concretizam atitudes de agressão ou de respeito e acolhida da natureza⁵.

Desde 2008 eu pesquisava e frequentava as manifestações da cultura popular brasileira. Estive no Maranhão, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, e questionava o porquê de na minha região, não existir nenhuma manifestação popular no tempo presente, e as que existiram, num passado recente, terem ocorrido de modo periférico, e sem reconhecimento dos órgãos públicos.

O contrário de sustentabilidade não deve ser a insustentabilidade, mas o fim, a extinção, o desaparecimento definitivo de uma espécie⁶. Antes de ir estudar teatro, eu cursava Comunicação Social, em São Paulo, e fiz de 2008 a 2010, estágio no Instituto Paulo Freire. Neste período tive acesso às obras da extensa biblioteca no *Centro de Referência*⁷, a citar: *A pedagogia do Oprimido*, *A pedagogia da autonomia*, ambos de Paulo Freire; *Educar para a Sustentabilidade*, Moacir Gadotti; *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, Leonardo Boff e ao *Programa Educação para a Cidadania Planetária*⁸. A partir desta experiência pude ampliar meu campo de visão para compreender a sustentabilidade como algo a ser pensado para além das questões econômicas e biológicas, mas que exige de nós um sentido mais profundo, com a preservação e o respeito da dignidade, e memória da vida humana na Terra.

⁵BOFF, Leonardo. *Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

⁶ Desaparecimento é a definição de *extinção* no Dicionário Oxford Languages.

⁷ O Centro de Referência Paulo Freire foi constituído com a missão de armazenar, preservar, estimular, disseminar e compartilhar a produção intelectual do educador Paulo Freire, além de saberes, reflexões, estudos e pesquisas sobre o pensamento freiriano em formato digital junto a diversos atores sociais. Fonte: <https://www.acervo.paulofreire.org>. Acesso em: 12 ago. 2021.

⁸ O Programa de Educação para a Cidadania Planetária (PECP) reconhecia a Terra como um organismo vivo do qual os seres humanos são parte, portanto reconhece que a sobrevivência do Planeta depende um processo educacional permanente voltado à formação de uma comunidade global com consciência de pertencimento e interdependência, capaz de reconhecer o que é melhor em termos individuais (pessoais) e coletivos (públicos) e de zelar pela sustentabilidade do ambiente em que vive. Fonte: <https://www.paulofreire.org/casa-da-cidadania-planetaria>. Acesso em: 13 ago. 2021.

Os espetáculos que virão a seguir tiveram como objetivo refletir, de forma lúdica, através do teatro de animação, sobre as relações entre natureza e cultura, como instrumentos para a construção da cidadania e sustentabilidade, promovendo novas experiências artísticas e formação de sujeitos ecológicos.

De 2017 a 2019, eu e a *Cia. Teatro da Recusa* estivemos configuradas como um grupo de teatro, com criação e direção coletiva e circulação independente; montamos: *Charivaro, Uma Cidade de Bonecos* (2017), *Segismundo e Geométrica. Uma cidade de bonecos* (2018), *O sumiço do Segismundo* (2019) e *A pílula falante*, Monteiro Lobato (2019). No final de 2019 minha vida profissional mudou de perfil, eu tinha decidido que a partir daquele momento trabalharia de modo solo, por um tempo indeterminado, e montei *Memórias de um lugar – Solidão*. A resposta para essa mudança de organização do trabalho vinha de duas necessidades: a primeira era sobre ter mais autonomia e liberdade, e a segunda representava um novo encontro comigo, num processo criativo, que culminaria em dramaturgias autobiográficas.

O que importa é não apenas interpretar, mas sim mudar o mundo⁹...

Traçarei a seguir não toda a minha pesquisa, mas uma breve análise sobre a forma e o contexto que o tema sustentabilidade, dentro da perspectiva da cosmovisão ecológica, foi trabalhado no meu repertório teatral de 2017 a 2021 com a *Cia. Teatro da Recusa*.

⁹ A citação faz alusão ao texto encontrado em *Bertolt Brecht Estudos sobre teatro*: Coletados por Siegfried Unseld com tradução de Fiana Pais Brandão (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978), intitulado *35 Teatro que proponha a modificação da sociedade*, onde aponta: “Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias, e os impulsos que são permitidos pelo respectivo contexto histórico (o contexto em que as ações se realizam), mas, sim, que empregue e suscite pensamentos e sentimentos que desempenhem um papel na modificação desse contexto”.

1. *Charivaro, uma cidade de bonecos*



Figura 2 – Na cena o Sr^o Picareta se prepara para matar o Rei no espetáculo *Charivaro, uma cidade de bonecos*, no Parque do Povo, área verde da cidade de Pres. Prudente (2017).
Fotógrafo: Paulo Brazyl

Em 2017 eu trabalhava de forma colaborativa e compartilhada, com outros dois artistas independentes: Luís Moralles e Elton Maioli. A nossa formação era temporária e duraria até o começo do verão daquele ano. Eu fiquei encarregada de fazer a provocação inicial a partir de alguns bonecos que já tinha no acervo da *Cia. Teatro da Recusa*. Neste trabalho o principal questionamento do grupo era: como a encenação poderia trabalhar o sentido da diferença dentro da temática do respeito à diversidade e direito à cidade?

A sustentabilidade sob a perspectiva da cosmovisão ecológica reconhece: a participação popular, a equidade e a inclusão como elementos catalisadores para a construção da sociedade sustentável. Para que este ideal estético fosse alcançado os bonecos colocados em cena compunham os mais diversos tamanhos e técnicas, tinha boneco gigante de vara que lutava com um boneco de mamulengo, e esse na sua teimosia e genialidade matava o Rei,

que representava o poder/opressor e o boneco popular (mamulengo) representava o povo/oprimido¹⁰.

A dramaturgia propunha uma fábula trágica, que a partir da morte do Rei, o reino se transformava em cidade. Com o rompimento do ciclo monárquico, e na ausência de um sucessor, os bonecos (personagens) puderam ser protagonistas e responsáveis pelas mudanças na forma de vida e de governo, com a garantia de seus direitos individuais e coletivos. De acordo com Henri Lefebvre, em seu livro *O direito à cidade*, o direito à vida urbana é uma condição para o humanismo e uma democracia renovada, que não separa mais a cidade da natureza. Ainda segundo o autor, o processo de urbanização deu-se no mesmo momento em que as pessoas recém-chegadas dos campos descobriam as formas de vida urbana, o que gerou um número expressivo de pessoas marginalizadas e excluídas na sociedade¹¹.

Nos elementos de cena foram desdobrados signos da cultura popular brasileira. Confeccionamos chapéus de fitas coloridas, usados pelos atores manipuladores, com referência aos chapéus de fitas, da manifestação cultural do Bumba-meu-boi. Observando inclusive sua relação na composição da memória afetiva das pessoas da cidade de Presidente Prudente e Presidente Venceslau, como cidades com um expressivo valor simbólico, cultural e econômico rural. Durante os ensaios abertos na Rua pudemos levantar os seguintes questionamentos (nosso e) do público: por quê "*Charivaro*"? Para que falar de boi? Que boi é esse que você resolveu colocar na Rua? E se a gente for dar nome aos bois, de quem estamos falando? Que chapéu é esse? É Folia de Reis? O Rei é gigante! Como vamos orientar as crianças para a realidade social do país? Quando vamos falar sobre a corrupção? Quando a gente vai para a rua? O mundo está cheio de artistas que não fazem nada... Vamos falar de política e formas de governo? Para que serve um rei? É uma picareta? O que é memória coletiva? De quem é a cidade?

¹⁰ O termo opressor/oprimido vem do entendimento proposto pelo professor Paulo Freire, em suas obras *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*.

¹¹ LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

E como falar, dentro desta proposta para o teatro de animação, sobre a nossa relação com a nossa história? E os nossos golpes? E se mostrarmos o oposto? Um país bonito, representado por várias cores. O que nos une? Então fomos buscar nas manifestações da cultura brasileira os signos que estavam perdidos do nosso cotidiano.

Enquanto mãe/mulher/artista, carrego uma preocupação enorme em relação ao futuro de uma criança, crescendo sem acesso e atendimento público à arte, cultura, lazer, espaços de convivência. Na brincadeira do boi (Bumba-meu-boi) o laço social se atualiza pelos valores partilhados pelas imagens referenciadas em conjunto, e através dos sentimentos e afetos intensificados pela comunhão, já que não há laço social sem imaginário. E para que fazer isso na rua? Por que o teatro de bonecos na rua? Porque é lá o nosso lugar em tempos difíceis.

2. *Segismundo e Geométrica, uma cidade de bonecos*



Figura 3 – O *Vaqueiro* e o boi *Brasil* em cena durante *Segismundo e Geométrica, uma cidade de bonecos* (2019). Fotógrafa: Brenda Rocha

Este trabalho estreou em 2018, na cidade de Presidente Venceslau (SP), e esteve em circulação no repertório da *Cia. Teatro da Recusa* até 2020. Ele nasceu de um desdobramento do nosso primeiro trabalho *Charivaro, uma cidade de bonecos*, porém com um enfoque maior para os atores responsáveis pelas mudanças na forma de governo e seu comportamento humano. O papel da mulher e seu lugar de fala na sociedade, e na política, e as rupturas causadas pela luta de classe. A pesquisa e montagem foi realizada de forma coletiva junto a outros atores e não-atores; João Pinheiro, Nathália Pardini, Lorryne Pardini, e Juliano Almeida.

Na proposta estética foram mantidos os signos da cultura popular brasileira, com o mesmo sentido do trabalho anterior, resgatar a memória coletiva popular. Poético e lúdico, o espetáculo colocou no palco o folclore brasileiro e a relação com o mundo à sua volta. Com indicação livre para todos os públicos abordou temas como; ambição, poder, valor relativo das coisas, felicidade, consumo e ética.

3. A pílula falante, Monteiro Lobato

Respeitando o texto original de Monteiro Lobato, a montagem da peça *A pílula falante*¹², levou o público ao universo do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* numa abordagem contemporânea trazendo para o palco um dos momentos mais marcantes da história de Emília, em que a espevitada boneca de pano começa a falar. A trilha sonora inspirou-se no futurismo alemão, movimento de vanguarda europeia do século XX, com músicas eletroacústicas.

¹² *A pílula falante* é uma das pequenas histórias que compõe o clássico da literatura infantil *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato (1931).



Figura 4 – Emília é encontrada pelo Pescador no rio das Águas Claras, no espetáculo *A pílula falante*. Fotógrafa: Brenda Rocha

Neste trabalho a temática sustentabilidade, sob a perspectiva da cosmovisão ecológica, foi incorporada em dois momentos do processo criativo: na escolha do texto, uma obra representante da Literatura Infantil Brasileira; e nos materiais para confecção do cenário e bonecos.

Um desafio encontrado no processo de montagem foi o de não cometer os mesmos equívocos do texto original. A partir de uma leitura interpretativa dos atores ficou entendido, que o texto trazia a discriminação racial, econômica e cultural, por exemplo, ao abordar a relação da *Tia Anastácia*, com as demais pessoas do *Sítio*.

Para a confecção do cenário foram usados materiais reciclados como sacos de lixo e madeira de compensado naval. Na confecção do boneco da personagem *Narizinho* foi utilizado matéria orgânica como: coco da árvore palmeira em estado pequeno e seco, e bambu. Os demais bonecos foram confeccionados a partir de papel *Kraft*, cola, arame e depois pintados. Para que o boneco confeccionado a partir da matéria orgânica (coco) adquirisse uma durabilidade maior, foram realizadas lavagens com vinagre de maçã e deixados

no sol para secar por vários dias, depois receberam massa de modelagem, tinta acrílica, verniz vitral ou laca chinesa.

Buscamos levar ao público personagens com a essência puramente brasileira, trazendo à tona um sentimento de resgate aos valores da infância e da juventude, numa fusão do lúdico, no folclore, e da imaginação, contribuindo para a construção da cidadania e da nossa identidade cultural.

4. Memórias de um lugar – Solidão



Figuras 5 e 6 – À esquerda: Boneca do espetáculo de teatro lambe-lambe *Memórias de um lugar - Solidão*. Fotografia: Zero. Direita: Bonecas confeccionadas com palha de milho, registro realizado no MAE UFPR (2020) Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Quando a pandemia chegou ao Brasil, em março de 2020, eu tinha acabado de regressar de uma viagem de pesquisa de campo, dentro de um processo criativo para a montagem da minha primeira peça solo *Memórias de um lugar – Solidão*, na linguagem de teatro lambe-lambe.

Esta viagem de pesquisa de campo foi durante o verão para Paranaguá (PR). Quando retornei para casa, no interior paulista, estava com a bagagem e a memória digital carregada de textos temáticos, objetos, artefatos, brincadeiras e brinquedos que tive acesso ao visitar a exposição de longa duração e segmento Cultura Popular *Assim vivem os homens*¹³ no Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE UFPR, na sua sede histórica. A exposição reunia bonecas confeccionadas de palha de milho, rabeca (instrumento

¹³ *Assim vivem os homens* exposição de longa duração no segmento Cultura Popular do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (2020).

musical), trajes de tecido chitão, cabelos de bonecas feitos de corda e barbantes, esculturas gigantes de pretos velhos (entidades da Umbanda), registros das Cavalgadas e Reisado, e demais elementos de manifestações culturais encontradas em Florianópolis, Salvador e São Paulo.

As cores e os instrumentos musicais pareciam se espalhar e soar pelo espaço, mesmo guardados havia movimento, dava para escutar o som metalizado da rabeca. Desde a primeira vez que estive no MAE, em 2013, fui atravessada por um sentimento de reconhecimento histórico e pertencimento.

Uma sensação de acolhimento, afeto, amor, como deve ser estar no útero materno. Eu sou paulista, minha avó era baiana, mas a minha mãe é paranaense. (Re) existia, naquele momento, uma noção de compreensão mais profunda sobre mim, e sobre o meu eu em proporção planetária. Como artista eu desejava levar esse sentimento a público através do teatro de animação. O termo planetário que coloco se refere ao entendimento de sociedade civil planetária assim como declarado no documento *Carta da Terra*¹⁴.

Meu filho mais novo, na época com quatro anos, estava comigo nesta viagem, ao MAE UFPR, e ao ver a rabeca pendurada na parede, em um dos corredores do prédio, disse: - *Olha mãe! Trouxeram a sua rabeca aqui para o Museu*. De um modo inocente ele também me reconheceu ali, naquele instrumento, naqueles signos brasileiros insurgentes.

A matéria prima utilizada para a confecção dos bonecos foi composta através de material orgânico em estado de decomposição presente no meu entorno (extraídas do apartamento e das ruas) de onde eu morava, a saber: bagaço de cana-de-açúcar, folha seca de espada-de-são-jorge e flores secas

¹⁴ A Carta da Terra é um movimento da sociedade civil planetária para “construir consensos e compartilhar valores” na busca de um modo de vida justo e sustentável. Diante do possível extermínio do planeta, surgem alternativas numa cultura da paz e uma cultura da sustentabilidade. Sustentabilidade não tem a ver apenas com a biologia, a economia e a ecologia. Sustentabilidade tem a ver com a relação que mantemos com nós mesmos, com os outros e com a natureza. A pedagogia deveria começar por ensinar, sobretudo a ler o mundo, como nos diz Paulo Freire, o mundo que é o próprio universo, por que é ele nosso primeiro educador. Essa primeira educação é uma educação emocional que nos coloca diante do mistério do universo, na intimidade com ele, produzindo a emoção de nos sentirmos parte desse sagrado ser vivo e em evolução permanente. GADOTTI, Moacir *Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008, p.11.

da árvore primavera. Como técnica de manipulação trabalhei com a manipulação direta e com vara.

5. O sumiço do Segismundo



Figura 9 – Cena com os personagens fantásticos, do teatro de bonecos popular, *Boi* e *Vaqueiro Fantasma*, no espetáculo *O sumiço do Segismundo* (2021). Fotografia: Nathália Pardini

A pesquisa para a montagem desta peça contemporânea de teatro de bonecos popular durou cerca de dois anos, e buscou, previamente, nas ruas, nas comunidades rurais, através de intervenções e apresentações, com os bonecos, mapear as características, espírito e chistes da população da região de Pres. Prudente e Pres. Venceslau (SP).

Como parte da pesquisa, para confecção do espírito e fisionomia dos bonecos, construí caminhos para encontrar respostas para os seguintes questionamentos: se fosse escrito uma história de teatro de mamulengo hoje, quem seria a *Rosinha*, o *Simão*, o *Capitão*, o *Coronel*? Qual o papel e potencial de representatividade dos personagens fantásticos da brincadeira como o *Boi* e o *Diabo*, para esta região? Outros personagens como *Os Caboclinhos*, a *Cobra*, o *Padre* ainda não consegui alcançar. As relações de poder diminuíram

no Brasil atual? Como seria um teatro de mamulengo tendo como referência o povo da minha cidade natal e região (Pontal do Paranapanema)¹⁵?

O mamulengo, como é chamado esta brincadeira teatral no Estado de São Paulo, é a manifestação plástica teatral do povo de um determinado território, onde os atores são bonecos, que falam, dançam, brigam, e até morrem¹⁶. Os bonecos representam personagens-tipo e, ou seja, possuem uma caracterização visual específica da sua região: traços fisionômicos, figurinos, mecanismos de controle e articulação. Portanto se um ator/atriz ou dramaturgo (a) decide montar uma peça de teatro de mamulengo, hoje, ela só pode buscar as histórias na sua comunidade, para que aquilo realmente faça sentido, seja para quem faz, como para quem assiste¹⁷.

Para a construção da dramaturgia da peça *O sumiço do Segismundo*, usei como temas os dramas que escutei de cada pessoa que pude conhecer pela região, através das minhas andanças teatrais, como: as lendas e *causos*, as festas, conflitos agrários, disputas de poder, a religiosidade, os espíritos (*causos* de vida após a morte), os romances e o sonho de liberdade, tudo isso refleti a cada passagem dos bonecos pela tolda¹⁸.

Com esta peça pudemos ir às pequenas cidades, distritos, bairros rurais, lugares difíceis de acessar e de receber espetáculos teatrais, promovendo através do teatro de animação, dos bonecos e da cultura popular, desenvolvimento humano e fortalecimento cultural.

A memória é filha do céu com a terra

O que busquei refletir neste artigo foram os processos de pesquisas, observações, coleta de dados e materiais descritivos que recolhi sobre a

¹⁵ O Pontal do Paranapanema é uma região com 18.844,60 km², que compreende 32 municípios do estado de São Paulo. Localiza-se no extremo oeste do estado de São Paulo, na região sudeste do Brasil, próximo dos estados de Mato Grosso do Sul e Paraná. Fonte: https://pt.unionpedia.org/i/Pontal_do_Paranapanema Acesso em 08 nov. 2021 .

¹⁶ SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. *Mamulengo um povo em forma de bonecos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

¹⁷ Ideia defendida por Fernando Augusto em entrevista no dia 25 de março de 2019 durante o Encontro de Teatro Bonecos Popular, no Espaço Sobrevento em São Paulo. Vídeo do documentário produzido durante a pesquisa: <https://youtu.be/4OKtlu3LQ5g> Acesso em: 31 ago. 2021 .

¹⁸ A tolda /empanada/barraca é a estrutura de alumínio ou madeira e as vezes plástico PVC coberta por um pano de onde o ator/atriz-mamulengueiro apresenta a peça.

cultura popular brasileira e as formas que encontrei para compô-las na linguagem do teatro de animação.

Esses signos da cultura popular foram entendidos como dispositivos estéticos, que atuassem para a construção de um conhecimento empírico propiciando ao público, através da experiência sensível, a elaboração de significados para a conquista desse lugar chamado imaginário coletivo.

O tema sustentabilidade ainda parece vago para o tamanho do problema que temos sobre desequilíbrios ecológicos, sociais, culturais, econômicos e políticos. É necessário pensar a sustentabilidade e a ecologia dentro desta cosmovisão, ou visão integral, sem segmentar as estruturas em apenas planos econômicos e biológicos. Entender, que sustentabilidade e natureza também têm a ver com equidade social, acesso à cultura, distribuição de renda, garantia dos direitos humanos, porque insustentável é a fome, a miséria, as injustiças, o colonialismo, a corrupção, a desigualdade, a escravidão, o patriarcalismo, o machismo, misoginia, sexismo, encarceramento em massa, tráfico de animais silvestres e humano, e tantos outros conflitos, que enfrentamos nas esferas civilizatórias contemporâneas no Brasil.

Não é meu objetivo aqui apresentar um método ou defender veemente uma ideia que promete acabar com os problemas estruturais do país através da minha pesquisa subjetiva e transdisciplinar dentro do tema teatro de animação, cultura popular e sustentabilidade, mas entendo que o acesso aos signos da cultura popular brasileira é algo a ser proposto pelas diversas áreas de conhecimento, assim como foi proposto na filosofia por Félix Guattari e na cosmovisão do Leonardo Boff.

Ainda que a realidade seja caótica, se tenho elementos que me ajudam a conhecer mais do meu passado (histórico/cultural) terei acesso a ferramentas para com autoestima e sentimento de pertencimento construir outro futuro, com respeito à diversidade cultural, às vivências e convivências.

Referências

BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1995.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1988.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves, **Mamulengo: o teatro de bonecos popular do Nordeste**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979.

UNSELD, Siegfried. **Bertolt Brecht Estudos sobre o teatro**. Tradução de Fiana Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.